

Resenha do Livro da Cap. Olímpia de  
Aradjo Camerino - "A Mulher Brasileira  
na II.ª Guerra Mundial"



Alunas do Curso de Enfermeiras para a FEB, em uniforme de Educação Física

Esses exercícios tinham por fim, também, dar-lhes um treinamento físico que as capacitasse a desempenhar com desembaraço as múltiplas atividades que as esperavam no teatro de operações de além-mar.

A parte da instrução militar, ordem-unida e de adaptação ao meio militar, foi orientada pelos Capitão Carlos de Meira Mattos e 1.º Tenente Médico Dr. Fernando Mangia, auxiliados pelos Sargentos Barcelar e Villy.

A ambientação ao meio militar visou adaptá-las aos regulamentos militares, de maneira que as enfermeiras, nos hospitais, quartéis ou em público, em conjunto ou isoladamente, se apresentassem, sempre, perfeitamente identificadas com a categoria militar a que pertenciam.

A demonstração final da preparação técnica foi realizada com a presença do General João Baptista Mascarenhas de Moraes e do General Médico Dr. A. Souza Ferreira, Comandante da 1.ª DIE e Diretor de Saúde do Exército, respectivamente.

As fotografias mostram aspectos colhidos durante as provas e evidenciam a excelência da preparação das enfermeiras, para a sua difícil missão.

92.02.000.10.04.02.019

F5/26

BRNY 000 VP.04.07.034 F2/26

Pesquisa "Livro Capitã OLÍMPIA DE ARAÚJO CAMERINO.  
"A Mulher Brasileira na 2ª Guerra Mundial"



O General Mascarenhas de Moraes falando às Enfermeiras, por ocasião de sua primeira apresentação fardadas, após a conclusão do Curso

— MEU UNIFORME!

Foi o traje mais bonito que já vesti.  
Como me orgulhava de ostentá-lo, de mostrá-lo a outros povos, de ouvir de tantos lábios com pronúncia diferente — BRASIL!

MEU UNIFORME!

Eras tu que dizias ao nosso soldado que eu era sua irmã.  
Eras tu que traduzias aos outros povos que eu era brasileira.  
Eras tu a imagem da Pátria distante.

MEU UNIFORME!

Como sentiste as pulsações do meu coração.  
Quantas vezes o auscultaste, ao sentires que ele batia mais forte.  
Como o comprimiste, como o aqueceste!  
Como secaste as minhas lágrimas que caíam sobre ti nas horas de dor, de amargura e de saudade!  
Como embebeste as lágrimas daqueles que nos meus braços sofriam!

Como amparaste a neve que caía sobre mim naquelas manhãs frias, depois de uma noite de vigília!

MEU UNIFORME!

Como me orgulho de ti!  
Dize-me se te honrei e onde guardar-te.  
As medalhas do Brasil e a Coroa Dourada do 5.º Exército Americano, que trazes em ti, são a prova de que te honrei.  
O lugar onde te guardei, no Museu da minha Terra, Alagoas, que é a Terra de Rosa da Fonseca, é bem um altar.  
"Honra este uniforme e guarda-o como se guarda um Uniforme Militar".

Cap. Enf. Olímpia Camerino

FB/26  
14.01.02.014  
Resenha - Livro - "A Mulher Brasileira na 2ª Guerra Mundial da Capitã Enf. Olímpia de Arago Carneiro"

## BÊNÇÃO DOS BRAÇAIS

Após o encerramento de uma missa mandada celebrar pelas Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira, na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, antes de seguirem para o teatro de guerra, foi dada a bênção a seus braçais, pelo então Arcebispo da cidade, D. Jaime de Barros Câmara, que oficiou a cerimônia religiosa, acolitado pelo Monsenhor Henrique de Magalhães. A este coube fazer a prédica, ressaltando o significado do ato e implorando a proteção divina para o bom e feliz desempenho da nobre missão que cabia às enfermeiras, no cenário da guerra.

A essa missa, compareceram diversas autoridades, civis e militares.

Na cerimônia da bênção, cada enfermeira, acompanhada de um padrinho, dirigia-se à nave da Catedral, onde, diante do Arcebispo, distendia o seu braçal para ser sagrado.

Foi um ato religioso de profunda fé cristã.



Colocação de um braçal, após ser bento

## CRUZ BENTA DE S. CAMILO

Estávamos prestes a embarcar para a guerra. A Comissão de Auxílio à Enfermeira da Força Expedicionária, que funcionava no posto 23 da Cruz Vermelha Brasileira, havia-nos preparado uma homenagem de despedida.

Por distintas senhoras e pelas colegas da Cruz Vermelha que organizaram a CAEFE fomos carinhosamente recebidas.

Singular homenagem nos estava reservada: a distribuição da Cruz Benta de S. Camilo e a entrega de um Crucifixo.

A Cruz Vermelha Camiliana tem uma origem muito significativa. Transcrevo alguns trechos da sua história, para melhor compreensão da homenagem que recebemos.

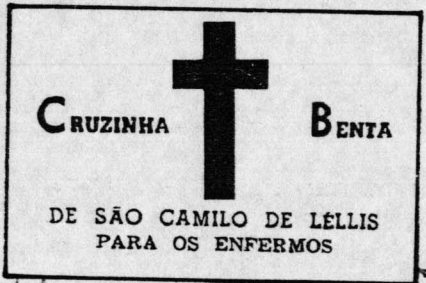
"Camilo de Lelis foi um Santo que muito amava os doentes. Assistia-os com ternura fraternal e nada poupava para lhes proporcionar conforto. Passava os dias e as noites nos hospitais, e os enfermos mais repelentes eram seus preferidos. Trazia ele no peito uma cruz vermelha como expressão da ardente caridade que lhe assoberbava o coração. A Cruz Vermelha Camiliana mostrou-se milagrosa em vários circunstâncias. Em uma batalha entre turcos e cristãos (1601), uma bala de canhão reduziu a cinzas uma mala de roupa dos Padres Camilianos, capelães militares do exército, deixando intactas as cruzes costuradas nos mantos, Precisando, em Palermo (Itália), transladar as sepulturas dos Padres, por entre pó e cinzas, foram encontradas inalteradas as cruzes."

Com palavras de piedade e patriotismo, recebemos das mãos do Padre Camiliano Albino Tenelate a cruz milagrosa. Essa Cruz é distribuída exclusivamente pelo Padres Camilianos.

A pequena Cruz Benta de S. Camilo era aquela mesma Cruz Vermelha que estávamos acostumadas a usar e que traduzia em nosso uniforme o epíteto: soldados da caridade.

54/26  
HTO. 20.10.02.014  
P. 04.02.014

Pesquisa Livro Mulher Brasileira na 2ª Guerra Mundial da Capitão Enf. Olímpia de Araujo Camilero



Silvia Souza Barros  
Antonieta Ferrera  
Bertha Moraes  
Jacyna Gais  
Elza Conceicao Medeiros

Sra. Marina <sup>Y Lourenço de Abreu</sup> Presidente de Honra da CAEFE  
Gen. J. de Soares  
Olímpia Camilero  
Helena Ramos de Castro  
Jurgilda de Castro  
Jurgina Maria Nunes  
Márcia do Carmo



O Crucifixo doado às Enfermeiras da FEB, que as acompanhou em sua missão de guerra e que, no presente, encontra-se no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial

Guardo comigo esta pequenina Cruz!

Em seguida, foi-nos entregue pelo mesmo Reverendo o Crucifixo, presente da Exma. Sra. D. Marina, Presidente de Honra da CAEFE e esposa do então Coronel Diretor do Hospital Central do Exército, Dr. Florencio de Abreu.

Aquele Crucifixo deveria acompanhar-nos para onde quer que fôssemos. Uma de nós deveria ser a sua depositária. Quem o guardaria? As colegas, num gesto de generosidade e confianças, puseram-no em minhas mãos.

Disse-nos o Padre Camiliano: "Guardo-o e não o abandone nunca. Onde quer que esteja um soldado

doente, ferido ou agonizante, leve-o até ele. Este Cristo confortá-lo-á, cobri-lo-á de graças. Leve-o, Cristo Crucificado abençoar-lhe-á."

Cheia de emoção, recebi-o. Instalada no 7th Station Hospital, em Livorno (Itália), coloquei-o na minha barraca. Era o meu santuário. Nas horas de descanso e saudade pedia-lhe paz, serenidade no cumprimento do dever, coragem para atender aos que sofriam. A minha missão, porém, era a de levá-lo aos nossos soldados.

Certo dia, contei ao Padre Gregorio Comasseto, nosso Capelão no hospital, a história do Crucifixo. Pedi-lhe que o colocasse no altar da nossa capelinha, aproximando-o, assim, dos nossos soldados.

Foi para o altar. A seus pés rezamos a missa e cantamos o terço. Celebramos o Natal e fizemos a Páscoa. Na exaltação da dor, da saudade e da desolação, Cristo crucificado irradiava Fé que confortava e convencia.

A guerra terminou. Depois de alguns meses de intenso serviço religioso, o Padre Comasseto deixava o hospital para regressar ao Brasil. Ao despedir-se, entregou-me o Crucifixo. "Continue dando aos nossos doentes e feridos a assistência religiosa." Assim o fiz. Coloquei-o nas enfermarias, onde permaneceu alguns dias em cada uma delas.

Essas manifestações de fé e cristandade se repetiam por todas as enfermarias.

Fechado o 7th Hospital em Livorno, fui transferida para o 35th Field Hospital, em Sparanise, para onde o levei. Ali, continuou na sua peregrinação, derramando bênçãos a todos aqueles que o invocavam.

Em viagem de volta para o Brasil, foi novamente colocado nas enfermarias de bordo do navio *James Parker* e sempre venerado pela nossa tropa.

Hoje no altar da Pátria, no museu do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, está guardado como relíquia de guerra.

Glória ao Cristo Crucificado que nos defendeu na guerra e nos protege na paz.

*Pesquisa do Livro "A mulher Brasileira na Segunda Guerra Mundial da Cap. Enf. Olimpia de Araujo Camarino*

FS/26  
20.02.014  
VP.04.014

Mesmo estando em guerra, os americanos comemoraram com alegria o Natal e o Ano Novo, ocasiões em que até promoviam bailes.

A Seção Brasileira de Hospitalização; anexa ao 7th Station Hospital, sob a chefia do Major Médico Dr. Sady Cahen Fischer, tinha como auxiliares o Major Médico Dr. Generoso de Oliveira Ponce, subdiretor, e mais 20 (vinte) médicos: cirurgiões, psiquiatras, urologistas e de outras especialidades, e ainda farmacêuticos e dentistas, todos zelando eficientemente pelos feridos e doentes da FEB, juntamente com os seus colegas americanos.

Integravam, também, a Seção Brasileira de Hospitalização mais duas equipes: uma de sargentos enfermeiros e de outras especialidades, e outra de enfermeiras, então, arvoradas no posto de 2.º Tenente.

O trabalho desse grupo de sargentos, com o excelente destaque de sua atuação, e o das enfermeiras, com o desempenho magnífico de suas atribuições, proporcionaram aos nossos pacientes, brasileiros, americanos e de outras nacionalidades, a assistência, a dedicação, a compreensão e o carinho de que tanto necessitavam. Desse trabalho em conjunto resultou a eficiência desejada, para o bom tratamento hospitalar.

A equipe de enfermeiras, constituída de vinte e quatro brasileiras, esteve, inicialmente, sob a chefia da 2.º Tenente Enfermeira Elza Cansação Medeiros. Com a transferência desta companheira, no início do ano de 1945, para outro hospital, fui designada chefe da equipe.

Recebi esse cargo cõnsbia de minhas responsabilidades e com forte ânimo, satisfação e confiança no melhor desempenho, pois o cordial e respeitoso relacionamento com as colegas e o clima de acatamento, harmonia e sã camaradagem que desfrutava na equipe permitiam-me prever o êxito de nosso trabalho e de nossa melhor convivência.

Efetivamente, nessa chefia, que exerci até a extinção do 7th S. Hospital, tive a felicidade de contar, em



Dr. Anibal Luz, Ten Olimpia e Cap Beatrice Appleby (americana), da E-16  
1 Dr. Anibal Luz  
2 Olimpia Camarino  
3 Americana



Grupo de doentes, conduzidos pela Ten. Enfermeira para a Capela, a fim de assistirem missa

41

Resenha do livro "A Mulher Brasileira na Segunda Guerra Mundial"  
da Cap. Enf. Olímpia de Araújo Carneiro

todas as ocasiões, com a dedicada colaboração de minhas companheiras de equipe, assim como a compreensão e a noção do dever profissional e militar, para o sucesso de nossa tarefa comum, sempre reconhecido pelos escalões superiores do Hospital.

Tive, ainda, o privilégio de consolidar, no ardor do sofrimento, do esforço e da luta, a minha amizade com todas as colegas, o que até hoje perdura, fraternal e carinhosamente, para minha alegria.

Após o término da guerra, foram evacuados todos os doentes internados no Hospital. Em razão disto, os seus integrantes, em grande maioria, foram mandados seguir seus novos destinos.

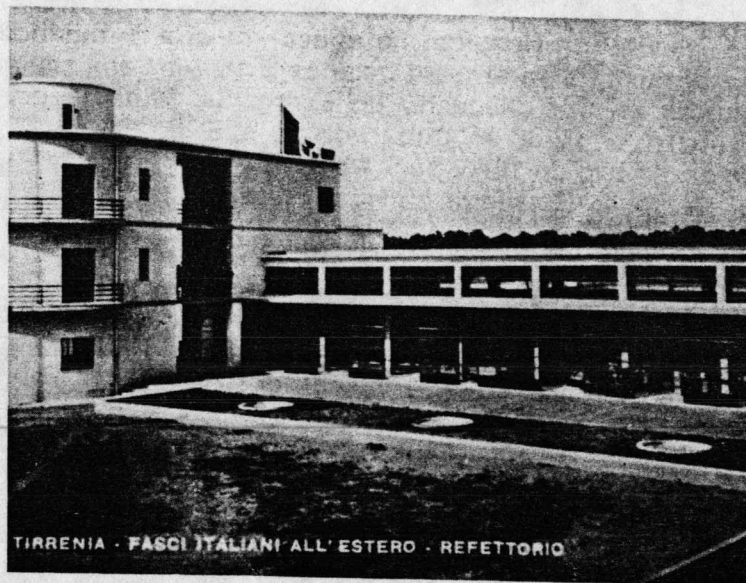
Permaneceram, então, no Hospital, um pequeno grupo de americanos e outro de brasileiros, tendo à frente o seu Diretor, Cel Smith, e o Major Fischer, Chefe da Seção Brasileira. Do pequeno grupo de brasileiros, ficaram Maria Aparecida França e eu, da equipe de enfermeiras, para as últimas providências de natureza administrativa.

Encerrada a missão naquele Hospital, assistimos ao seu desmontar: camas amontoadas, colchões empilhados, aparelhos cirúrgicos agrupados. Tudo espalhado pela área do Hospital. As enfermarias, vazias e silenciosas. Ambiente de que tudo havia acabado... O nosso acampamento, deserto. As nossas barracas, desmontadas. Era mesmo o fim! A recordação de tudo, a saudade do que vivi naquele Hospital muito me magoaram! Guardo vivo em minha memória o grande cenário, no qual tanto lutávamos para salvar vidas e curar doentes!

O Hospital foi agraciado com a condecoração americana "Meritorius Service Unit Plaque".

Assistimos à entrega dessa condecoração.

A placa correspondente à aludida condecoração deveria ser usada nos uniformes dos oficiais e praças que, na ocasião da outorga, serviam na organização, de conformidade com as Instruções do Departamento de Guerra dos Estados Unidos.



7th Station Hospital — Um ângulo interno



Exortar a dormir em Livorno  
Em visita ao 7th, colegas de outros hospitais: Belém, Dóris, Virgínia, Antonieta e Wanda

FG/26  
02.01.02.014

42

26/7/77 F77/26  
019.02.04.01 VP coc de q

todas as ocasiões, com a dedicada colaboração de minhas companheiras de equipe, assim como a compreensão e a noção do dever profissional e militar, para o sucesso de nossa tarefa comum, sempre reconhecido pelos escalões superiores do Hospital.

Tive, ainda, o privilégio de consolidar, no ardor do sofrimento, do esforço e da luta, a minha amizade com todas as colegas, o que até hoje perdura, fraterno e carinhosamente, para minha alegria.

Após o término da guerra, foram evacuados todos os doentes internados no Hospital. Em razão disto, os seus integrantes, em grande maioria, foram mandados seguir seus novos destinos.

Permaneceram, então, no Hospital, um pequeno grupo de americanos e outro de brasileiros, tendo à frente o seu Diretor, Cel Smith, e o Major Fischer, Chefe da Seção Brasileira. Do pequeno grupo de brasileiros, ficaram Maria Aparecida França e eu, da equipe de enfermeiras, para as últimas providências de natureza administrativa.

Encerrada a missão naquele Hospital, assistimos ao seu desmontar: camas amontoadas, colchões empilhados, aparelhos cirúrgicos agrupados. Tudo espalhado pela área do Hospital. As enfermarias, vazias e silenciosas. Ambiente de que tudo havia acabado... O nosso acampamento, deserto. As nossas barracas, desmontadas. Era mesmo o fim! A recordação de tudo, a saudade do que vivi naquele Hospital muito me magoaram! Guardo vivo em minha memória o grande cenário, no qual tanto lutávamos para salvar vidas e curar doentes!

O Hospital foi agraciado com a condecoração americana "Meritorius Service Unit Plaque".

Assistimos à entrega dessa condecoração.

A placa correspondente à aludida condecoração deveria ser usada nos uniformes dos oficiais e praças que, na ocasião da outorga, serviam na organização, de conformidade com as Instruções do Departamento de Guerra dos Estados Unidos.



7th Station Hospital — Um ângulo interno



Si evolta a dormire Livorno  
Em visita ao 7th, colegas de outros hospitais: Belém, Dóris, Virgínia, Antonieta e Wanda

56  
 Pesquisa do livro - A Mulher Brasileira na Segunda Guerra Mundial na cap. Olimpia Camerino

## NOSSO ACAMPAMENTO — MINHA BARRACA

Nas imediações do 7th Station Hospital, sob um bosque de eucaliptos, numa área limitada por cerca de arame farpado, foi instalado um acampamento para enfermeiras, com numerosas barracas, nas quais se alojaram, numa ala, as brasileiras e, na outra, as americanas, todas em serviço no citado Hospital.

Na periferia dessa área existiam placas com a inscrição "off limits", o que indicava estar, por fora, o terreno minado.

O acampamento possuía água encanada e instalações sanitárias comuns, tipo campanha.

As barracas eram de lona impermeável e erguidas sobre esteios e pisos de madeira. Cada barraca era destinada a três ou quatro enfermeiras e dotada de camas de lona dobráveis, luz elétrica e estufa para aquecimento.

Na área do acampamento havia uma barraca isolada, com placa indicativa de "night nurse", destinada a descanso da enfermeira de serviço à noite, bem como um pavilhão de madeira, com móveis e telefone, onde nós, enfermeiras brasileiras e americanas, recebíamos as nossas visitas.

O nosso deslocamento, entre o Hospital e o acampamento, era feito por uma trilha que, no inverno, se cobria de gelo, tornando-a bastante escorregadia. Com bons agasalhos, suportávamos o frio intenso e o banho de neve a que nos expúnhamos, no referido período climático, para percorrermos aquele trecho. À noite, fazíamos a aludida travessia com uso de lanternas, para prevenir-nos de acidentes.

Não nos lamentávamos do sacrifício, e se alguma colega reclamava qualquer desconforto, ouvia logo de outra: você é voluntária.

Acordávamos cedo, ao toque de uma estridente corneta, substituída, com o correr do tempo, por um apito.

Como devíamos, estávamos às 6h30min no refeitório, para o café matinal, e, às 7h, nas enfermarias, a

vd. pg. 54 e 55 - Liv. Olimpia Ca. 53  
 número "A Mulher Brasileira  
 na Segunda Guerra Mundial"

on ny soc 19, 01, 02, 01H - F8/20



Despertaram do torpor em que se encontravam e alguns, com disfarçável expressão de felicidade, me disseram: "eu usaria cravos vermelhos!"

Murmurei, com tristeza — eu usaria os brancos!

*Brasil.* No lar vive o nosso pracinha dias bem diferentes. Há sorrisos, alegria e felicidade. Comemoramos com entusiasmo os feitos da gloriosa FEB. Exponemos com orgulho os nossos troféus de guerra. Narramos com serenidade os atos de bravura dos nossos heróis.

Segundo domingo de maio. Dia das Mães. Como o festejarão os nossos pracinhas? Quem usará nas lapelas, ou nos vestidos, os cravos vermelhos? Aqueles que os usariam durante a guerra os teriam trocado pelos cravos brancos? Sua Mãezinha teria sucumbido de dor ou de saudade? E os que ficaram em Pistóia? E os que morreram pela Pátria?

Você, Mãe amargurada, decerto cobrirá com flores outras o retrato daquele que usaria cravos vermelhos, se tivesse voltado!

Você cobrirá de beijos e de lágrimas o retrato daquele que talvez ao expirar também a chamasse de tão longe — minha mãe!

Mãe excepcional, Mãe do pracinha, deposito em suas faces venerandas como homenagem ao seu amor, à sua glória — o beijo da mulher expedicionária.

## ÁRVORE DE NATAL

Como é singela e triste aquela árvore! Está erigida num canto da enfermaria.

Não tem bolas douradas, balõezinhos coloridos, nem lâmpadazinhas acesas.

Tem flocos de algodão, estrelas recortadas em papel prateado e pacotinhos vazios.

— O algodão, que representa a neve que congela e mata, também protege os ferimentos.

As estrelas também iluminam as estradas por onde passam milhares de soldados que seguem para a vitória ou para a morte.

Os pacotinhos pendurados por fios de linha trazem — recordações dos entes queridos, saudade do lar, nostalgia da vida que foge, desejo de felicidade, fé que anima, esperança que conforta e brilha nos olhos daqueles que amam e sofrem. Esperança de paz, sim, principalmente de paz!

Aquela árvore lembra o Natal. Como é esquisita e singular!

— Noite de Natal... noite de Recordações, de Saudade e de Esperança.

Festa de Papai Noel, esse velhinho curvado pelos anos, a carregar brinquedos e a espalhar ilusões entre aqueles que nele crêem e por ele esperam.

Na noite de Natal há sempre risos e alegria. Música e cânticos ressoando por toda parte. Ali, naquele hospital, há só silêncio, dor e lágrimas!

Papai Noel, você visita as trincheiras, os campos de batalha e os hospitais de sangue?

Vá, Papai Noel. Distribua entre os homens, como mensagem de Natal, o cântico dos anjos aos pastores naquela noite em que nasceu Jesus!

"Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!"

## SEBASTIÃO

Sebastião. Era um preto forte. Pertencia ao 11.º Regimento de Infantaria. Fora ferido na cabeça durante a tomada de Montese. Evacuado para o 7th Station Hospital, ficou na E-16, a minha enfermaria.

Queixava-se muito de uma "zunzeira". Uma vez ele me disse: "Enfermeira, não sei como me descobriram, vivia na roça lá em Minas Gerais, longe do mundo e me trouxeram para a guerra. Estou ferido e não sei se vou ficar bom!" Respondi: "Você vai ficar bom e voltar para o Brasil orgulhoso de ser um ex-combatente".

em y val VP.04.02.04 Pg/26

era rotina no hospital os convalescentes presta-rem serviços leves. Forravam suas camas e espontaneamente, durante o dia, ajudavam as enfermeiras, carregando bandejas que continham material para a aplicação de penicilina. O Sebastião carregava sempre a minha, mas quando tinha de forrar a sua cama não queria. Eu insistia e ele respondia. "A bandeja eu levo para a senhora, mas forrar cama, não forro não senhora, é serviço para mulher!"

O que mais me faz lembrar o Sebastião é a "zunzeira". Todos os dias, na hora da visita médica, os doentes eram reexaminados pelos médicos. Sebastião queixava-se sempre da "zunzeira". Um dos médicos americanos, Dr. Marvin Salzmaun, desejava falar o português e me perguntou o que era "zunzeira". Não sei se ele entendeu a minha explicação, pois o meu inglês não ajudava. Finda a visita médica o Sebastião me perguntou: "Enfermeira este 'gringo' quer me levar com ele? Não vou, não senhora, eu quero voltar para o Brasil com a senhora." Foi evacuado para o Brasil e nunca mais soube do Sebastião.

## JOHN

John era um preto americano, grandão e muito feio. A "E-16" era uma enfermaria onde havia baixados de várias nacionalidades, sendo maior o número de americanos e brasileiros. Os médicos e as enfermeiras eram americanos, sendo eu e o Tenente Médico Dr. Anibal Luz os únicos componentes da equipe brasileira.

John tinha sido ferido no pé e exagerava o acontecido. Os brasileiros mexiam muito com ele. Gostava muito de mim e os doentes brasileiros caçoavam dele dizendo: "Negro, deixe de *enxirimento* com a nossa enfermeira. Ele não entendia e pedia que lhe ensinassem o português. Certa vez, chegando junto ao seu leito, ele pronunciou umas três palavras em portu-

guês. Eram nomes feios. Ri, disfarçando o meu constrangimento. A certa distância avistei alguns baixados que juntos olhavam rindo para o nosso lado. Logo compreendi a brincadeira e malícia dos meus soldados.

John pediu o meu retrato. Disse-lhe que não tinha. Ele insistiu. Resolvi atendê-lo e lhe dei um retrato fardada com o verde-oliva do meu Brasil. Ele ficou radiante.

No dia seguinte, ao passar pelo seu leito, tirou de baixo do travesseiro uma carta e me deu para ler. E num dos trechos ele dizia assim: "Minha mãe, esta é minha enfermeira. É brasileira, branca e bondosa. Guarde este retrato, é uma lembrança da guerra."

John foi evacuado para os Estados Unidos.  
Por onde andaré o meu retrato?

## O SOL DE MATO GROSSO

Certo dia, o General Mascarenhas foi visitar o Hospital. Percorreu todas as enfermarias visitando os brasileiros. Parando junto ao leito de um dos nossos feridos que havia perdido os olhos, perguntou: "Como está passando?" — "Muito bem, meu General, só muito triste, não vou ver mais o sol de meu Mato Grosso."

E o General, cabisbaixo, silenciou.

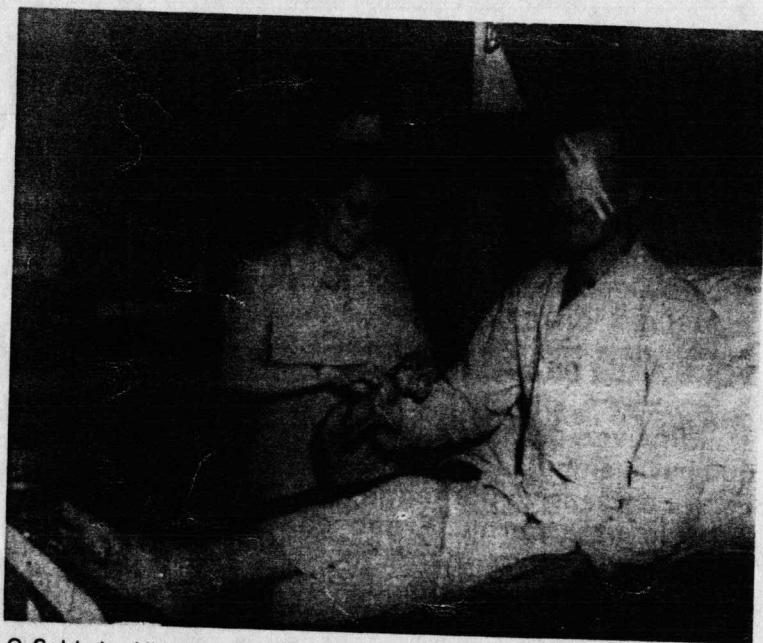
## VOCÊ É UM BRAVO

Uma vez, passando junto à cama de um mutilado que havia amputado uma das pernas, ele me chamou. Estava apreensivo por ter de contar à noiva que havia cortado uma perna. E não conteve as lágrimas. Olhando para mim, murmurou: "Não é por causa da perna que eu estou chorando não... é porque a minha noiva não vai querer casar comigo." Confortei-o, dizendo: "Sua noiva não vai lhe abandonar, ela vai ter orgulho de você, você é um bravo."

ALBERTO ROSSI

Soldado Alberto Rossi, de Poá, São Paulo, com múltiplas feridas no rosto, perdeu uma vista e sofreu amputação da metade da perna esquerda. — Durante o avanço de Montese, a 14 de abril, em que transportava uma metralhadora para uma posição avançada, o soldado que o precedia pisou numa mina. O Soldado Rossi fez alto, pensou os ferimentos e continuou avançando, depois de ter chamado a turma de primeiros socorros. Alguns metros adiante, explodiu outra mina.

— Interrogado por um correspondente de guerra que visitava o 7th Station Hospital, em Livorno, onde Rossi se encontrava internado, se desejava algum recado para sua família, respondeu: "diga que estou bem de saúde e que breve estarei em casa!"



O Soldado Alberto Rossi sendo atendido pela 2.ª Ten Enf Olímpia de Araújo Camerino

O SILVA

O Silva, com queimaduras generalizadas, chegou à minha enfermaria envolvido em gases, tendo a descoberto apenas a boca. Fazia-lhe os curativos, dava-lhe os alimentos e o assistia com freqüência. Foi evacuado para o Brasil.

De volta da guerra, fui visitar o Hospital Central do Exército, a fim de rever os meus doentes. Ao entrar em uma das enfermarias, vi correr para mim um doente que me abraçou, chamando-me pelo nome e que me disse: "Eu sou o Silva." Não o conhecia nem ele a mim. A gaze que o envolvia, inclusive os olhos, não o permitia. Ele então falou: "Conheci a senhora pela voz." Grande foi a minha emoção.

PIETRO

Sparanise, setembro de 1945. Enfermaria 1, do 35th Field Hospital.

Era o hospital remanescente. Estava instalado em barracas e ficava numa planície ao lado da cidadezinha de Sparanisa, destruída e quase abandonada.

Estavam baixados três oficiais, cinquenta soldados brasileiros e alguns americanos. Éramos apenas seis enfermeiras no hospital. O pernoite era então de oito noites seguidas.

Tivemos um dia agitado.

Dois italianozinhos foram socorridos. Chegaram ao hospital ensangüentados e mutilados. Suas mãozinhas despedaçadas...

Foram atingidos por mina quando brincavam em terreno adrede preparado para o inimigo.

Ante os gritos de dor de uma pobre mãe, falecia o pequenino Pietro, vítima da própria cilada italiana.

Mãos pequeninas as do inocente Pietro, que naquele dia de setembro de 1945 morria num hospital de sangue em terras ensangüentadas da velha Itália!

Cena de dor e amargura!

Perquiza do livro "A Mulher Brasileira na II Guerra Mundial"  
Cap. Olympia Carneiro

O QUE MORREU...

Estou de serviço. Chega uma ambulância trazendo soldados feridos.

Eram brasileiros. Atendemos e consternados verificamos que havia um morto. Que lástima! Devia regressar ao Brasil dois dias depois.

Socorridos os feridos, foram distribuídos pelas enfermarias. E o morto? Ficaria no necrotério até o dia seguinte, quando o levariam para o cemitério de Pistóia.

Noite. Era o meu plantão.

No hospital reinava profundo silêncio. Na penumbra da enfermaria todos dormiam. Ouço um gemido. Chamam: — "Enfermeira".

Era um doente que deitava sangue pelo nariz. Socorri-o. O sangue parou e ele se aquietou.

O cansaço e depressão moral se apoderaram de mim. São três horas da madrugada. Chovia e fazia muito frio. Novo inverno se aproximava. A guerra há muito terminara e ainda restava em terras da Itália um punhado de brasileiros, que esperavam ansiosos o dia de rever a Pátria querida.

O Serviço de Saúde continuava o seu mister — "enquanto existir um soldado ferido, ou doente, a nossa missão não estará finda".

Desejo escrever. Desabafar. Falar dos nossos soldados, das suas dores, dos seus sofrimentos.

O sino da igreja de Sparanise bate quatro horas. Um trem passa apitando. Uma saudade imensa me domina. Não posso escrever.

— Devo passar a última ronda pelas outras enfermarias. Estou sozinha.

O *flash-light* é o meu guia a iluminar a escuridão daquele setor sob a minha guarda.

Tudo é quietude. Os doentes dormem o sono que anima e recupera.

— E o que morreu? E o que ficou no necrotério?

Devia ir vê-lo. Lembrei-me de alguém, que no Brasil esperava ansiosa por aquele que não mais vol-

taria. Mãe, esposa, filha, irmã ou noiva, jamais o veria.

Pensei naquelas que, decerto, me pediriam, se soubessem, que velasse, que acompanhasse aquele que seguia para a última morada.

Acordei o pracinha auxiliar da enfermaria. Vamos levar ao nosso morto o último adeus?

Seguimos para o necrotério. Ali, ajoelhados, balbuciamos uma prece.

— Chorei.

AMÂNCIO TOFANELLI

Soldado Amâncio Tofanelli, de Campinas, São Paulo. "Quando servia como metralhador na linha de frente do Morro Sarassicha, seu batalhão, o 2.º, do 6.º de Infantaria, recebeu ordens de contra-atacar. Cesado o contra-ataque foi encontrado caído sobre uma metralhadora, rodeado de alemães mortos. A turma de primeiros socorros e mais tarde os médicos verificaram que o soldado Tofanelli havia recebido nada menos de 82 ferimentos, da cabeça aos pés."

Um correspondente de guerra, que visitava o 7th Station Hospital, encontrou-o semi-erguido, lendo o *Cruzeiro do Sul*, jornal da FEB, e divertindo-se com suas anedotas. Relatou a refrega em que recebeu os ferimentos com visível bom humor, citando repetidas vezes a palavra "tedesco", nome do inimigo que os soldados da FEB adaptaram ao italiano "tedeschi".

Ao lhe ser perguntado o que queria mandar dizer aos seus, Tofanelli respondeu numa gargalhada: "Diga-lhes que o "tedesco" quis me abraçar, mas não teve tempo."

O PAR DE CHINELOS

Certo dia, entregando brindes que a Cruz Vermelha Americana costumava distribuir aos baixados, dei a um deles um par de chinelos. Ele, rindo, me disse:

56

BRUNO CAVALCANTE 04.02.04 12/26

Resenha do livro "A Mulher Brasileira na II Guerra Mundial" Cap. Olímpia Camarinho

"Enfermeira, não preciso dos dois pés" e separando um, falou para o companheiro do leito ao seu lado: "Fique com o pé esquerdo que eu fico com o direito". E, ainda rindo, disse-me: "A senhora não pensou que este presente ia servir para dois!"

— Outro deles perdeu a mão direita. Uma ocasião, estando ao seu lado, ele falou: "Se ao menos eu pudesse escrever uma carta para minha mãe... será que a senhora escreve para mim?" Respondi que sim, com amargura no coração.

A BANDEIRA FERIDA



"Bandeira Ferida" — Ofertada pelos doentes à Ten Olímpia

Uma tarde, ao entrar na S.11 Enfermaria do 7th Station Hospital, para minha visita diária aos feridos ali hospitalizados, senti que alguma surpresa me aguardava.

Recolhidos aos seus leitos, me esperavam. Em dado momento, aproxima-se de mim o Sargento Eloy Fernandes, trazendo nas mãos esta Bandeira, a qual me foi entregue, dizendo: "É para a senhora, com a nossa gratidão." Olhando a Bandeira, remendada de esparadrapo, parecia um pedaço deles. — Ferida e judiada.

Pendurada em um canto da enfermaria, um altar da Pátria, era venerada pelos seus heróis, que iam ser evacuados para o Brasil.

Recebi-a com respeito e reverência, orgulhosa de merecer a confiança de guardá-la como relíquia.

Junto à bandeira havia uma carta que vai também, a seguir, reproduzida.

Numa moldura guardo-as como o mais rico troféu que me poderia ser ofertado.

CENAS EMOCIONANTES

Durante a tomada de Monte Castelo o movimento no hospital era intenso.

Por grande alegria oferta a 2ª Ten. S.ª. D. Olímpia a nossa Ana Reis, pois tem-se se digna deste nome pela sua dedicação, amor, estímulo e desprendimento, pois sempre se mostrou incansável não deixando que nada nos faltasse apesar dos nossos sofrimentos a certos momentos, nos traziam um tanto impotentes. É bem digna deste nome, pois muitas vezes tivemos a oportunidade de ver em seus olhos a fadiga, mas mesmo assim, não deixava de todas as tardes, depois de seu afazeres diários de nos visitar nos trazendo acompanhada do seu bondoso sorriso, os conselhos, os conselhos e palavras de conforto que tanto aliviam os nossos sofrimentos.

É assim faço em nome de todos os meus companheiros de sofrimentos, a entrega à 2ª Ten. S.ª. D. Olímpia, da Bandeira Nacional que tivemos nesta enfermaria S.11, do 7th Station Hospital e que sempre foi honrada e o é pelo espírito patriótico que queira em nossos corações. Solicitamos também tomar os vossos nobres auxílios e comando das os nossos mais sinceros agradecimentos e os nossos mais sinceros afetos.

Eloy Fernandes

Carta dos doentes da S. 11, ofertando a "Bandeira Ferida" à Ten Olímpia

Eloy Fernandes 2º sargento

Sargento José Rocha Sobrinho

Jaquim Aubert

Thomas Jansen de Almeida

Carlos Antônio Santos

W. J. M. e outros

Alto Silva

João Reis Cabo 6796

Sebastião Dória de Abreu

Lidio da Cruz

Ubaldo Camara e Silva

Arvaldo Pinheiro Almeida

Com os nossos mais profundos

respeitos oferecemos à 2ª Tenente

Sra. D. Olímpia Camarinho

(a) Com. do pelo tão

47

Dr. N. C. 18.04.07.014 FB/26

02/11/14  
17.04.02.014 F14/26

Cena emocionante era a chegada de novos feridos.

Os hospitalizados recebiam os companheiros nervosos e curiosos.

Choviam as perguntas: onde estavam vocês? Tomaram aquela posição? Perdemos muitos companheiros?

Comovida, assistia àquelas cenas com tristeza, levando ao nosso soldado o meu atendimento.

No meio daquela azáfama, notei que em uma cama no fundo da enfermaria um doente estava sentado, tristonho. Parecia alheio àquele movimento.

Dirigi-me para ele e perguntei: "Como está se sentindo? Precisa de alguma coisa? Saudade de casa, da família?" Ele, cabisbaixo, balançou a cabeça e falou: "É enfermeira, em cada coração uma saudade e em cada corpo uma bala."

#### ENFERMARIA DOS NEURÓTICOS

88  
4

Conta um companheiro do 7th Station Hospital que "um soldado baixado com perturbações mentais foi encontrado a passear no interior da enfermaria, equilibrando um objeto na cabeça".

O objeto era nada mais nada menos do que uma "mina que ele desenterrara da praia adjacente ao hospital".

Outro fato — "Um soldado, auxiliar na enfermaria, sacudindo as calças de um doente mental, encontrou, nos bolsos da mesma, qualquer coisa pesada que fazia muito barulho em contato com o solo.

Verificou, com surpresa, que eram duas granadas de mão com os pinos de segurança quase saídos.

Grande foi o seu susto e dos que estavam presentes."

#### CARNAVAL

Espetáculo admirável! Este era de alegria.

Segunda-feira de carnaval. Visitava o hospital um jazz brasileiro. Vinha alegrar os baixados.

Percorrendo as enfermarias, tocava sambas, marchas e frevos para lembrar o carnaval do Brasil.

Alegres e esquecidos dos seus males, cantaram, dançaram e fizeram carnaval. Até os de moletas entraram no cordão.

Os americanos gostaram da festa e, alegres como são, entraram no bloco.

Pareciam mesmo malucos aqueles brasileiros e americanos!

#### OS BRAVOS

Quero falar, também, dos nossos valentes oficiais brasileiros.

Recordo de alguns dos que passaram pelo meu hospital.

Tenente Mário Márcio da Cunha, atleta, campeão brasileiro e sul-americano. Foi ferido em Soprassasso, quando uma granada explodiu.

Chegou ao hospital com o corpo coberto pelo gesso. Recebera ferimentos nas pernas, braços e resto do corpo. Seu estado era grave. Sofreu várias operações. Demonstrava notável espírito de resistência.

Capitão Yeddo Jacob Blauth, ferido em Monte Castelo. Perdeu uma perna. Na perna engessada escreveu palavras de verdadeiro patriotismo.

Capitão Germano Duarte Travassos. Perdeu uma perna na mesma explosão que vitimou o Ten. Mário Márcio. Tranquilo e altivo, pouco falava.

Capitães João Tarcísio Bueno, Ernani Ayrosa da Silva, Hélio Portocarrero de Castro.

Tenentes Mário Silva O'Reilly, Túlio Campelo, Paulo de Mendonça Ramos, Oswaldo Pinheiro Mendonça, Afrânio Viçoso Jardim, Jorge Braz Teixeira Fi-

Quero falar, também, dos nossos valentes oficiais brasileiros.

Recordo de alguns dos que passaram pelo meu hospital.

Tenente Mário Márcio da Cunha, atleta, campeão brasileiro e sul-americano. Foi ferido em Soprassasso, quando uma granada explodiu.

Chegou ao hospital com o corpo coberto pelo gesso. Recebera ferimentos nas pernas, braços e resto do corpo. Seu estado era grave. Sofreu várias operações. Demonstrava notável espírito de resistência.

Capitão Yeddo Jacob Blauth, ferido em Monte Castelo. Perdeu uma perna. Na perna engessada escreveu palavras de verdadeiro patriotismo.

Capitão Germano Duarte Travassos. Perdeu uma perna na mesma explosão que vitimou o Ten. Mário Márcio. Tranquilo e altivo, pouco falava.

Capitães João Tarcísio Bueno, Ernani Ayrosa da Silva, Hélio Portocarrero de Castro.

Tenentes Mário Silva O'Reilly, Túlio Campelo, Paulo de Mendonça Ramos, Oswaldo Pinheiro Mendonça, Afrânio Viçoso Jardim, Jorge Braz Teixeira Fi-

lho, Humberto Gerardo Moretzen Brandi e outros, com a mesma bravura.

Espírito de sacrifício, de valentia, de vontade de lutar. Demonstravam desejo de voltar ao *front*, mesmo feridos. Estavam sempre bem humorados, faziam referência aos próprios ferimentos, mutilações, com desprendimento.

Glória a estes bravos que, com sacrifício da própria vida, enfrentaram os horrores da guerra, com estoicismo, dando aos seus soldados exemplos de coragem.

É com entusiasmo que cito a bravura destes jovens oficiais, a quem tive o orgulho de assistir.

### 16th EVACUATION HOSPITAL PISTÓIA — ITÁLIA

Virginia Maria de Niemeyer Portocarreiro  
Capitão Enfermeira R/1  
Id. 1G-291554

Atendendo à solicitação de minha grande amiga e companheira da FEB Cap Olímpia de Araújo Camerino, presto o meu depoimento, para constar em seu livro, sobre o 16th Evacuation Hospital, instalado em Pistöia, no qual tive a honra de servir, integrando a Seção Hospitalar Brasileira.

O 16th Ev. Hosp., americano, era chefiado pelo ilustre cirurgião Coronel Manuel E. Lichteistein e montado em barracas, tanto para o abrigo de suas enfermarias e serviços burocráticos, como para o de seus servidores. Toda a área do acampamento era cercada de arame farpado. As barracas eram de lona impermeável, com dupla cobertura na parte superior e armadas sobre esteio de madeira.

Possuía o Hospital várias enfermarias, cada uma com 60 leitos.

Os leitos eram catres de lona resistente, desmontáveis e de fácil manuseio. Num pequeno espaço de cada enfermaria, existiam uma mesa para os traba-

lhos burocráticos do serviço de enfermagem e o material necessário para uso diário na enfermaria. Armadas as barracas de 10 em 10 metros, possuíam na parte superior uma abertura apropriada para passagem da chaminé das estufas.

O Hospital era dotado de famosos cirurgiões, clínicos, radiologistas, ortopedistas, oftalmologistas, otorrinolaringologistas, anestesistas, laboratoristas, farmacêuticos, dentistas, enfermeiras, sargentos enfermeiros, nutricionistas, enfim, técnicos em todas as especialidades e profissionais de serviços diversos.

Em qualquer circunstância, o Hospital funcionava, ininterruptamente, com todo o pessoal de serviço a postos, durante as 24 horas ~~do dia~~.

Numerosos eram os baixados e as causas as mais diversas: mutilados, fraturados, feridos de toda a espécie, queimados, contundidos graves, loucos, neuróticos e muitos com pé de trincheira e complicações do aparelho respiratório, em decorrência da adversidade climática.

As enfermarias de isolamento, localizadas no interior da área, em zona "*off limits*", abrigavam os pacientes com moléstias contagiosas.

As normas de trabalho eram estabelecidas pela direção do Hospital e todo o expediente e escrituração eram redigidos em inglês, inclusive os receituários médicos, para maior facilidade de atendimento.

Disponha o Hospital de abundante material, para todas as suas necessidades. O paciente hospitalizado recebia suficiente material de higiene pessoal, bem como o adequado para abrigar-se convenientemente.

Indistintamente, pacientes brasileiros, americanos, ingleses, alemães e italianos que baixavam ao Hospital eram acolhidos em qualquer enfermaria onde houvesse leito vago, salvo os casos de doenças contagiosas. No próprio leito de lona, sem colchão, recebiam os cuidados médicos necessários e, de modo permanente, dos enfermeiros e enfermeiras, que eram incumbidos, desde a freqüente mudança de posição do doente, para seu melhor conforto, até as

Handwritten initials or signature.

Vertical handwritten text on the left margin: 24/10/1945 Fto. 20.04.02.014 F16/24



lho, Humberto Gerardo Moretzen Brandi e outros, com a mesma bravura.

Espírito de sacrifício, de valentia, de vontade de lutar. Demonstravam desejo de voltar ao *front*, mesmo feridos. Estavam sempre bem humorados, faziam referência aos próprios ferimentos, mutilações, com desprendimento.

Glória a estes bravos que, com sacrifício da própria vida, enfrentaram os horrores da guerra, com estoicismo, dando aos seus soldados exemplos de coragem.

É com entusiasmo que cito a bravura destes jovens oficiais, a quem tive o orgulho de assistir.

### 16th EVACUATION HOSPITAL PISTÓIA — ITÁLIA

Virgínia Maria de Niemeyer Portocarreiro  
Capitão Enfermeira R/1  
Id. 1G-291554

Atendendo à solicitação de minha grande amiga e companheira da FEB Cap Olímpia de Araújo Camerino, presto o meu depoimento, para constar em seu livro, sobre o 16th Evacuation Hospital, instalado em Pistóia, no qual tive a honra de servir, integrando a Seção Hospitalar Brasileira.

O 16th Ev. Hosp., americano, era chefiado pelo ilustre cirurgião Coronel Manuel E. Lichteistein e montado em barracas, tanto para o abrigo de suas enfermarias e serviços burocráticos, como para o de seus servidores. Toda a área do acampamento era cercada de arame farpado. As barracas eram de lona impermeável, com dupla cobertura na parte superior e armadas sobre esteio de madeira.

Possuía o Hospital várias enfermarias, cada uma com 60 leitos.

Os leitos eram catres de lona resistente, desmontáveis e de fácil manuseio. Num pequeno espaço de cada enfermaria, existiam uma mesa para os traba-

lhos burocráticos do serviço de enfermagem e o material necessário para uso diário na enfermaria. Armadas as barracas de 10 em 10 metros, possuíam na parte superior uma abertura apropriada para passagem da chaminé das estufas.

O Hospital era dotado de famosos cirurgiões, clínicos, radiologistas, ortopedistas, oftalmologistas, otorrinolaringologistas, anestesistas, laboratoristas, farmacêuticos, dentistas, enfermeiras, sargentos enfermeiros, nutricionistas, enfim, técnicos em todas as especialidades e profissionais de serviços diversos.

Em qualquer circunstância, o Hospital funcionava, ininterruptamente, com todo o pessoal de serviço a postos, durante as 24 horas ~~de dia~~.

Numerosos eram os baixados e as causas as mais diversas: mutilados, fraturados, feridos de toda a espécie, queimados, contundidos graves, loucos, neuróticos e muitos com pé de trincheira e complicações do aparelho respiratório, em decorrência da adversidade climática.

As enfermarias de isolamento, localizadas no interior da área, em zona "*off limits*", abrigavam os pacientes com moléstias contagiosas.

As normas de trabalho eram estabelecidas pela direção do Hospital e todo o expediente e escrituração eram redigidos em inglês, inclusive os receituários médicos, para maior facilidade de atendimento.

Disponha o Hospital de abundante material, para todas as suas necessidades. O paciente hospitalizado recebia suficiente material de higiene pessoal, bem como o adequado para abrigar-se convenientemente.

Indistintamente, pacientes brasileiros, americanos, ingleses, alemães e italianos que baixavam ao Hospital eram acolhidos em qualquer enfermaria onde houvesse leito vago, salvo os casos de doenças contagiosas. No próprio leito de lona, sem colchão, recebiam os cuidados médicos necessários e, de modo permanente, dos enfermeiros e enfermeiras, que eram incumbidos, desde a freqüente mudança de posição do doente, para seu melhor conforto, até as

103

FR 26  
MAY 20 1944

aplicações de soro, plasma, transfusões de sangue, curativos e o tratamento recomendado, inclusive com aplicação de penicilina, que, na época, era de três em três horas.

A Seção Hospitalar Brasileira, anexa ao 16th Ev. Hospital, era chefiada pelo notável cirurgião Major Dr. Ernestino Gomes de Oliveira, tendo como subchefe o Major Dr. Ary Duarte Nunes, e todos os componentes da mesma trabalhavam em equipes com os americanos, concorrendo nas escalas de serviço comuns, de acordo com as necessidades.

O grupo de enfermeiras brasileiras que integrou a SHB do 16th Evacuation Hospital, em número de 16, era procedente do 38th Evacuation Hospital, de Pisa, que, instalado num acampamento no Vale do rio Arno, foi completamente inundado, ficando com a sua área transformada em imenso lodaçal. No 16th Ev. Hosp., essas 16 enfermeiras foram assim distribuídas: 4 para a Sala de Operações — Antonieta, Bertha, Silvia Barros e Belém; 6 para as Enfermarias de Cirurgia — Silvinha, Virgínia, Elzinha, Maria José, Elita e Lurdinha; estas atendiam, também, na Enfermaria de Choque e na Triagem; 6 para a Clínica Médica — Dóris, Ondina, Heleninha, Novembrina, Carmita e Wanda.

As ordens de serviço às enfermeiras brasileiras eram transmitidas pela Enfermeira-Chefe (*Chief Nurse*), Miss Helde, através de nossa colega patricia Bertha, que acumulava a função de Oficial de Ligação.

O revezamento do serviço de enfermagem era feito de 12 em 12 horas. As que trabalhavam durante o dia, observando um período seguido de 15 dias, cumpriam o horário de 7h às 19h. Após esse período, gozavam um dia de folga (*day off*). A seguir, passavam para a escala noturna, de 19h às 7h do dia seguinte, por 15 noites consecutivas.

As nossas barracas, igualmente de lona impermeável, abrigavam quatro enfermeiras e eram dotadas de catres de lona, sem colchão, desmontáveis, sobre os quais estendíamos as nossas camas-rolô,

também de lona, em que guardávamos as nossas vestimentas. A nossa mala A, saco B, bernal, cantil e a máscara contra gases permaneciam junto aos catres. Era uma enorme bagagem para transportarmos, individualmente, nos deslocamentos do Hospital.

No 16th Ev. Hosp., suportamos bombardeios da aviação inimiga, incêndio, *blackout*, tempestade e os rigores do inverno, com temperatura de 20 graus negativos.

Quando a aviação alemã rondava nosso acampamento, permanecíamos apreensivas e num alerta constante, mantendo o *blackout* durante a noite, quando os trabalhos eram feitos sob a luz de lanternas protegidas para não irradiarem qualquer luminosidade. Esses *blackouts* eram fiscalizados pela Polícia Militar americana, que rondava o acampamento.

Apesar de ser o 16th Ev. Hosp. excelentemente equipado, inclusive com recursos de calefação e de farta dotação de agasalhos para o frio, sofremos bastante com os rigores climáticos. No início do inverno, ocorreram violentas tempestades que, muitas vezes, faziam desabar sobre nós as nossas barracas, já então cobertas com espessa camada de neve. Nessas ocasiões, durante a noite, dominadas por um sono reparador de um estafante dia de trabalho intenso, como lutávamos para sairmos daquelas situações, livrando-nos, inicialmente, com o agravante da escuridão, dos agasalhos e cobertores que nos envolviam! Emergindo daquele remoinho de neve e lona, sobressaltadas e molhadas, refugiávamos em enfermarias, até o amanhecer do dia, quando eram tomadas providências para montagem das barracas desmoronadas.

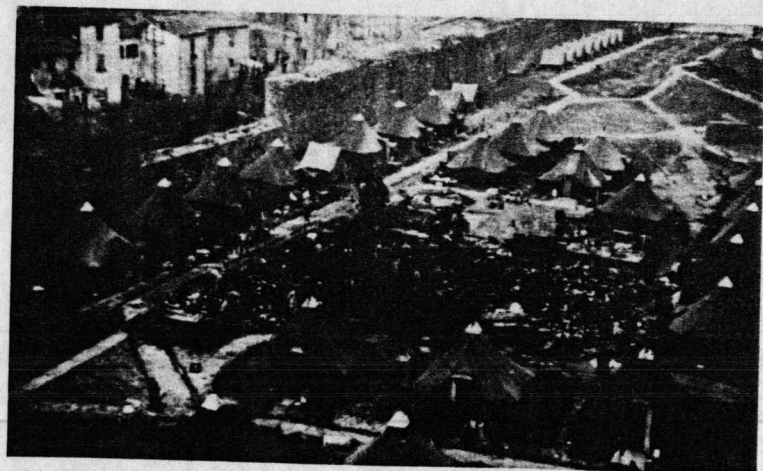
Foram muitos os sofrimentos, sacrifícios e vigílias das enfermeiras, para o bom desempenho de suas missões, no conjunto de suas equipes mistas, brasileiras e americanas, com o objetivo primordial de amenizar padecimentos e salvar vidas.

Brasileiros e americanos, irmanados pelo mesmo ideal, deram o máximo de seu empenho, dedicação e

Fl 19 / 26

02.02.04.01.01.01

86



16th Evacuation Hospital, em Pistóia, com a sua parte central destruída por incêndio

zelo profissional para o melhor dos atendimentos aos seus heróis hospitalizados, vítimas das circunstâncias de suas atividades bélicas.

Para o bom êxito dos trabalhos no 16th Ev. Hosp. muito concorreram o relacionamento compreensivo e respeitoso, a harmonia e a amizade que reinavam entre todos os escalões, abrangendo chefes, médicos, profissionais de outros ramos de saúde, enfermeiros, auxiliares e, notadamente, as enfermeiras, brasileiras e americanas, que mantinham estreita e solidária união, para maior proveito do exercício de suas importantes funções.

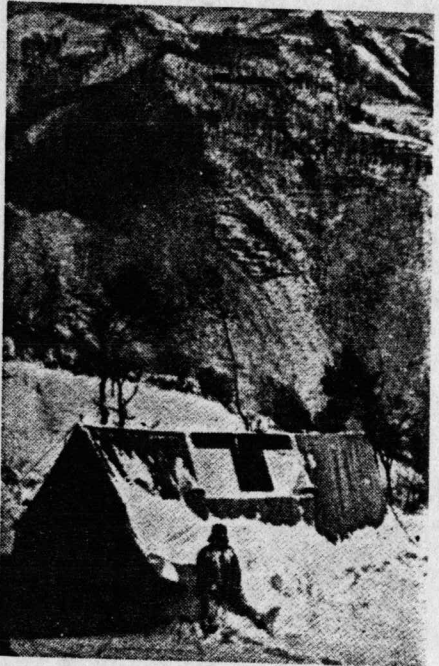
Assim, com a consciência de termos cumprido bem o nosso dever, nós, enfermeiras brasileiras do 16th Ev. Hosp., como, comprovadamente, as dos demais hospitais de guerra, sentimos o orgulho de nossa específica contribuição militar, em prol da humanidade e de nosso querido Brasil. Justificamos esse orgulho pelo galardão que alcançamos em servirmos naquele Hospital que, pelo esforço comum e pelos recursos de que dispunha, obteve um alto índice de recuperação de seu numerosos pacientes.

Glória ao 16th Evacuation Hospital!

### OUTROS HOSPITAIS



Oficiais médicos do 32th Field Hospital, vendo-se em segundo plano e segundo lugar, da direita para a esquerda, o Chefe do Serviço da FEB, Cel E. Marques Porto. Em primeiro plano, a partir da direita, as Enfermeiras Jacira, Juracy e Bebiana



Uma das barracas do 32th Field Hospital, em Valdeburga, nos Apeninos, no período de inverno

9x12

(2)



Enfermeiras do 45th General Hospital — Nápoles. A partir da esquerda, Nair, Soarez, Edith, Carlota, Roselys e Isabel



Enfermeiras de Transportes Aéreos do Exército. A partir da esquerda, Lenalda, Vassimón, Sara, Joana, Semiramis e Dirce

39 or 2/26 or 04.01.54 F20/26



Entre pacientes do 300th General Hospital, em Nápoles, as Enfermeiras Zilda, Jandira e Maria Luísa



Enfermeiras do Hospital de Sta. Luce, em Vada, pondo em dia a sua correspondência. Da esquerda para a direita, Virginia, Altanira, Lúcia, Berta, Carmita e Carmen Bebiano

### UMA CARTA

Achava-me na enfermaria em pleno desempenho da minha missão, atendendo aos nossos heróicos soldados do glorioso 6.º Regimento de Infantaria, que haviam combatido em Soprassasso. O ambiente era de dor e sofrimento.

51

Tudo que poderíamos fazer por estes amados soldados, empenhados na mais brava das campanhas e na mais alta das solidariedades, temos a bendita certeza que neste momento o fazeis. São os nossos filhos que entregamos à bondade do vosso amparo e à eficiência do vosso socorro. Uma bênção perene vos acompanha, enfermeiras do Brasil. Um eflúvio de gratidão de longe vos envolve pela tarefa que assumistes e os serviços que prestais.

Nas horas rudes da peleja o nosso coração pulsa convosco, batendo por eles, batendo por vós. Se a saudade por vezes vos assalta, lembrai que igual saudade aqui à vossa calorosamente corresponde. Todos lutais pela mais sagrada das causas, o mais justo dos desagrvos. O soldado brasileiros encontra, por certo, em vossa abnegada colaboração, não só lenitivo e conforto aos males do corpo, como estímulo e compreensão os assomos da alma. Para os nossos combatentes, os nossos feridos, os nossos homens que tão alto no mundo estão erguendo, não somente a Bandeira Brasileira, como a tradição de bravura e dignidade da raça latina, sois as delegadas da nossa ternura, as realizações do nosso mandato de afeto e de auxílio.

Como cantei um dia no hino que é vosso e onde se consubstanciam a importância e a beleza de vossa missão:

"Diante da touca da enfermeira,  
Branca de altruísmo e compaixão,  
É que mais sente a verdadeira  
Fraternidade, o coração

Das vossas mãos, piedosamente  
O alívio vem pronto e eficaz  
Pois, para todo combatente,  
Um pouco mãe todas vós faz."



Enfermeiras do 1.º Grupo de Caça da FAB: Isaura, Ocimara, Regina, Diva, Judith e Antonina. Em segundo plano, oficiais do Grupo

Mães, realmente, da mais pura, da mais santa, da mais abnegada das maternidades: a maternidade do sofrimento. Aquela que despida de todo egoísmo, a todos os que precisam, indistintamente, acolhe no amplexo maternal da sua dedicação.

Enfermeiras da nossa terra, na aspereza da guerra que a terras alheias vos conduziu, sem medir sacrifícios nem trabalho, é aí que reside a vossa glória, é daí que nos vem a nossa consolidação. O soldado brasileiro não se acha só combatendo o bom combatente. Todas as mães do Brasil estão junto dele em cada uma de vós, enfermeiras da Força Expedicionária."

— Obrigada Paulo. Obrigada Maria Eugênia Celso.

### III

## O REGRESSO

### O 35th FIELD HOSPITAL, AS SEIS REMANESCENTES E O REGRESSO

Em junho de 1945, por ordem do V Exército Americano, a 1.ª DIE e outros órgãos da FEB deslocaram-se para Francolise, situada a cerca de 50 quilômetros ao norte de Nápoles, onde ficaram aguardando o embarque para regresso ao Brasil.

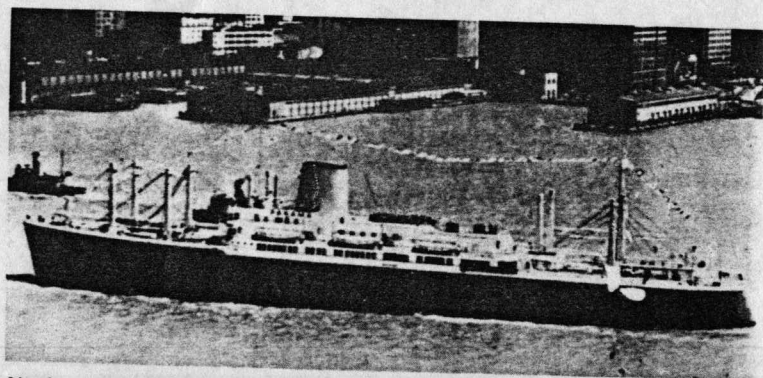
Para receber pacientes procedentes de outros hospitais, extintos, desativados ou transferidos, e para atender à tropa acampada em Francolise, foi instalado em Sparanise, localidade próxima ao acampamento, o 35th Field Hospital, com a mesma organização, normas de funcionamento e rotina dos demais congêneres americanos. Era um estabelecimento pequeno, montado em barracas de lona.

Para servirem nesse Hospital foram designadas seis enfermeiras brasileiras: Bertha, França, Elza Miranda, Jacira, Sílvia Barros e eu. As demais regressaram ao Brasil.

A nossa missão continuava e, o nosso trabalho era árduo e ininterrupto.

Em Sparanise, atravessamos o período de verão, suportando forte calor, dominadas por certa monotonia. O nosso maior desejo era regressar à nossa Pátria. Nova estação chuvosa e de frio já se aproximava.

59 or 20.04.02.024 P22/26



Navio americano *James Parker*, que transportou o 5.º e último escalão da tropa brasileira, no regresso



Enfermeiras que regressaram no último escalão, pelo *James Parker*. Da esquerda para a direita, Olímpia, Elza Miranda, Sílvia, Bertha e Jacyra <sup>França</sup>

Para nossa satisfação, circulou uma notícia, logo confirmada, de que regressaríamos ao Brasil, pelo navio transporte americano *James Parker*, com um hospital a bordo, para onde seriam transferidos os doentes do 35th Field Hospital — O Hospital Remanescente.

No supracitado navio, embarcamos em Nápoles, no dia 20 de setembro de 1945. A bordo, a nossa missão prosseguia e a rotina hospitalar era a mesma dos hospitais de terra.

A nossa permanência no mar, o balouçar do navio, o uso obrigatório dos salva-vidas, o enjôo, a lembrança dos submarinos nos deixavam apreensivas.

Antes de deixarmos a Itália, recebemos ordem superior para, na viagem de regresso, escoltarmos a prisioneira Patrícia Margarida Hirschmann que, durante a nossa campanha, mantinha na Rádio de Milão, em parceria com o italiano Emílio Baldini, um programa ofensivo ao Brasil, intitulado "Auri-Verde".

Essa prisioneira, considerada traidora, viajou confinada em nosso camarote, que era guarnecido por policiais militares, e foi entregue à Polícia Civil do Rio de Janeiro, tão logo o navio ancorou em nosso porto.

No final da viagem, preparamos os nossos doentes para entregá-los aos companheiros do Hospital Central do Exército, que os acolheram carinhosamente.

Com o 5.º e último escalão de regresso da FEB, chegamos ao nosso querido Brasil, em 3 de outubro de 1945.

Éramos, também, remanescentes, com missão prolongada e concluída, conscientemente, com dedicação, dignidade e espírito humanitário.

Nesse regresso, as jornadas foram mais sofridas...

## ROTEIRO DE MINHA VIAGEM EM MISSÃO DE GUERRA DESIGNAÇÃO - DESLIGAMENTO - EXCLUSÃO

(Transcrição de minhas folhas de alterações militares)

*Olímpia Camerino*  
*Embarque* — A 19 de outubro de 1944, às 7h, embarcou no Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, em avião americano, com destino ao teatro de operações na Europa. O avião aterrissou em Salvador e Recife, chegando a Natal, na base americana de Parnamirim, às 17h15min do mesmo dia. Aí, desembarcou, onde ficou aguardando transporte.

32 27 400. 014 F24/26

A nossa permanência no mar, o balouçar do navio, o uso obrigatório dos salva-vidas, o enjôo, a lembrança dos submarinos nos deixavam apreensivas.

Antes de deixarmos a Itália, recebemos ordem superior para, na viagem de regresso, escoltarmos a prisioneira Patrícia Margarida Hirschmann que, durante a nossa campanha, mantinha na Rádio de Milão, em parceria com o italiano Emilio Baldini, um programa ofensivo ao Brasil, intitulado "Auri-Verde".

Essa prisioneira, considerada traidora, viajou confinada em nosso camarote, que era guarnecido por policiais militares, e foi entregue à Polícia Civil do Rio de Janeiro, tão logo o navio ancorou em nosso porto.

No final da viagem, preparamos os nossos doentes para entregá-los aos companheiros do Hospital Central do Exército, que os acolheram carinhosamente.

Com o 5.º e último escalão de regresso da FEB, chegamos ao nosso querido Brasil, em 3 de outubro de 1945.

Éramos, também, remanescentes, com missão prolongada e concluída, conscientemente, com dedicação, dignidade e espírito humanitário.

Nesse regresso, as jornadas foram mais sofridas...

### ROTEIRO DE MINHA VIAGEM EM MISSÃO DE GUERRA DESIGNAÇÃO - DESLIGAMENTO - EXCLUSÃO

(Transcrição de minhas folhas de alterações militares)

*Embarque* — A 19 de outubro de 1944, às 7h, embarcou no Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, em avião americano, com destino ao teatro de operações na Europa. O avião aterrissou em Salvador e Recife, chegando a Natal, na base americana de Parnamirim, às 17h15min do mesmo dia. Aí, desembarcou, onde ficou aguardando transporte.

Pesquisa do Livro  
"A Mulher Brasileira  
na Segunda Guerra  
Mundial da  
Cap. Enfermeira  
Olimpia de Araújo Ca-  
merino

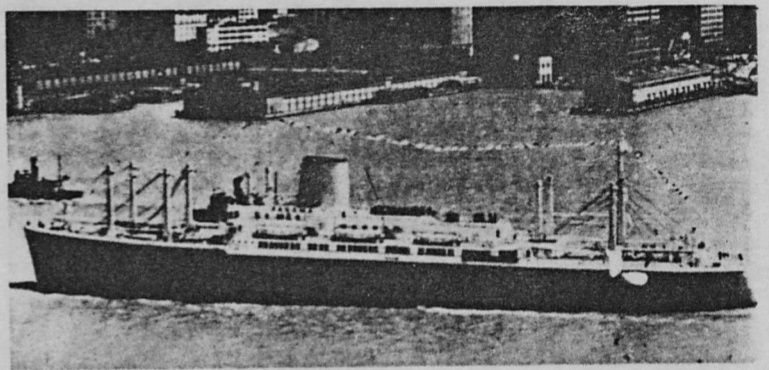


T<sup>te</sup> Bertha  
Morais  
(Regresso Brasil  
Navio James  
Parke  
que transpor-  
tou o 5.º e úl-  
timo escalão  
da tropa brasi-  
leira)  
(Com mais 5 cole-  
gas veio escoltar  
a Margarida  
Hirschmann (traidora  
locutora do programa  
Auri-Verde).



VEJA  
67  
173

Pesquisa do livro  
"A Mulher Brasileira  
na Segunda Guerra  
Mundial  
da  
Capitã Olimpia de  
Araújo Camerino



Navio americano *James Parker*, que transportou o 5.º e último escalão da tropa brasileira, no regresso



Enfermeiras que regressaram no último escalão, pelo *James Parker*. Da esquerda para a direita, Olimpia, Elza Miranda, Sílvia, Bertha e Jacyra  
M. APARECIDA FRANÇA

Para nossa satisfação, circulou uma notícia, logo confirmada, de que regressaríamos ao Brasil, pelo navio transporte americano *James Parker*, com um hospital a bordo, para onde seriam transferidos os doentes do 35th Field Hospital — O Hospital Remanescente.

No supracitado navio, embarcamos em Nápoles, no dia 20 de setembro de 1945. A bordo, a nossa missão prosseguia e a rotina hospitalar era a mesma dos hospitais de terra.

As nossas compatriotas, que acorreram ao chamado da Pátria, prestaram excelentes serviços à FEB, durante a sua permanência em território italiano, enfrentando e vencendo obstáculos numerosos.

Ainda no Brasil, sofreram a maledicência impatriótica de alguns. Na Itália, viveram e serviram em hospitais americanos, onde, além das dificuldades advindas das diferenças de idiomas e hábitos, suportaram por algum tempo a inferioridade hierárquica e pecuniária em relação às suas colegas americanas, com quem conviviam. Não obstante os óbices encontrados, as enfermeiras incorporadas à FEB atenderam com abnegação e proficiência os nossos feridos e doentes, dando um veemente e nobilitante testemunho do valor da mulher brasileira."

### TRECHO DE UMA ALOCUÇÃO

(Do Gen Celso de Azevedo Dalto Santos, ao ensejo do 25.º aniversário do desembarque da FEB na Itália)

"Mas essa figura tão nossa, do Pracinha, estaria incompleta se não a reuníssemos à da Enfermeira.

Foi a heroína anônima, cuja soma de emoções e sofrimento que recebeu é difícil de imaginar.

Um hospital de campanha, principalmente nas horas que se seguem aos combates, é quase indescritível. Não são doentes que ali se encontram, mas homens violentamente feridos, estraçalhados. Homens vítimas de tiros, estilhaços de granadas, minas. Mutilados. Moços no esplendor da vida e sem pernas ou braços. Ou cegos. E os atingidos pela neurose, cujas mentes não resistiram ao choque violento de matar ou à ameaça permanente de morrer.

Ela resistiu. É a outra face do Pracinha. Do valor moral da nossa Raça; teve sobre si a parte mais dura da Guerra e resistiu."

### UM ATO DE JUSTIÇA

(Transcrição do *Correio da Noite*,  
de 29-08-46)

"Tendo em vista os serviços prestados ao Exército pelas Enfermeiras que serviram na Força Expedicionária Brasileira durante a última guerra, encareço a todas autoridades administrativas do Serviço de Saúde do Exército a conveniência de ser dada preferência a essas enfermeiras no caso de nomeações para as vagas que se derem nos hospitais militares e repartições congêneres." Tem o n.º 1.052 este pequeno aviso do General Góis Monteiro, que passou despercebido no tumulto dos últimos dias, tão convulsionados pelos acontecimentos políticos e policiais. Destacamo-lo da rigidez das publicações oficiais, pelo alto sentido humano que ele encerra e por esse testemunho, entre tantos outros, de que o nosso Exército conserva em sua pureza as virtudes e os sentimentos mais profundos do povo brasileiro, solidário com os nossos sacrifícios e atento às nossas angústias. As brasileiras que, em 1944, abandonaram o lar, a vida tranqüila, a segurança da Pátria, para acompanhar a trajetória heróica da FEB, revelaram o mesmo heroísmo e a mesma bravura dos pracinhas heróicos de Montese e Monte Castelo. E foram nos hospitais de sangue, nas enfermarias de repouso, nas horas de sofrimento e de desespero, uma presença de ternura, de bondade e de carinho brasileiro, reanimando a coragem, dulcificando as angústias, reacendendo a esperança. Deve-lhes a Pátria uma compensação. A mais justa e a mais lógica é essa que vem de ser determinada pelo ilustre Ministro da Guerra. E a mais doce, também, ao coração das enfermeiras brasileiras; porque, nesse gesto, elas encontram um reflexo de sua feminina doçura, empregando de galanteria e de máscula gratidão a altivez da alma do soldado.

421924 FZ6174  
VP.04.02.034  
49  
tinos perfurados. Outros haviam perdido pernas, braços, mãos, pés.

Vinham surdos, artérias rompidas, grandes chocos, fraturas diversas, loucos, neuróticos, pés de trincheira e clínica médica. Depois de atendidos pelos médicos, na sala de operação eram entregues às enfermeiras, que lhes aplicavam o sangue, o plasma e os medicamentos anotados. Controlavam ainda pulso, respiração e pressão. O trabalho era estafante. A equipe de enfermagem, composta de enfermeiras brasileiras e americanas, sargentos e soldados em ação contínua, não media sacrifício para que o ferido fosse bem atendido.

Repetiam assim as enfermeiras brasileiras do 16.º de Evacuação o trabalho fatigante e real de suas colegas do Hospital de Campo. Eram a sentinela invariável a velar pelos doentes.

Esse Hospital de Evacuação deslocou-se para diversas cidades como: Tarquínia, Sta. Luce, Pisa, Pistóia, Corvela, Marzaboto e Parola.

As enfermeiras também acompanharam o hospital em sua peregrinação.

**7th Station Hospital** — hospital situado nas proximidades de Livorno, em edifício de uma colônia de férias do regime fascista. Vários edifícios ligados por galerias, onde estavam instaladas as enfermarias e demais seções da administração do hospital.

Para esse hospital foram designadas 24 enfermeiras brasileiras.

Os oficiais e praças foram alojados em barracas em uma grande área sob um bosque de eucaliptos. O acampamento das enfermeiras ficava ao lado, tendo um letreiro que advertia *off limits*.

A distribuição das enfermeiras pelo hospital é idêntica aos outros hospitais.

O Hospital de Estacionamento era dotado de maiores recursos, leitos em grande número, pessoal mais numeroso e recebia pacientes dos vários hospitais de frente, com permanência prolongada.

As equipes eram organizadas no mesmo molde dos demais hospitais. A escala de serviço era por turno, com a duração de oito horas, sendo prorrogável, conforme a necessidade do serviço. Plantão de quinze noites, das dezenove às sete da manhã. Um dia de descanso. É a rotina em todos os hospitais.

Nesse hospital havia todas as especialidades e mais isolamento para moléstias infecciosas e enfermarias para nervosos. Era grande o número de pacientes, necessitando de maior número de enfermeiras.

O número de pacientes atingiu a cifra de 1.000 (um mil) por dia, com a média diária comum entre 700 e 600, com grande volume de entrados e saídos. Recuperava em média 70% dos baixados mensalmente, o que representa o melhor testemunho do seu ótimo funcionamento.

O paciente quase terminava a sua peregrinação nesse tipo de hospital. Recuperado, era entregue à tropa. Os portadores de incapacidade temporária ou permanente eram evacuados para o hospital de interior.

Cabia ainda à enfermeira cuidar da parte psicológica do doente: confortá-lo, animá-lo e levantar seu moral. Ler e escrever suas cartas (para os analfabetos). Transmitir, aos seus entes queridos, suas mágoas, suas saudades, elas que também traziam no coração as mesmas dores.

A saudade, o sofrimento, as noites de vigília, o cansaço das longas horas de trabalho, o frio, a neve, também maltratavam as enfermeiras.

Corajosas e eficientes, continuavam as enfermeiras brasileiras em sua função, como verdadeiras colaboradoras do Serviço de Saúde da FEB.

**American Red Cross** — funcionando anexa ao 7th Station, a Cruz Vermelha Americana, mantinha um trabalho constante de assistência moral aos convalescentes e do bem físico e moral do soldado, seja doente ou em perfeito estado de saúde.

O navio-transporte de tropa americano "Gal. Meigs", traz de volta a primeira leva de pracinhas.

